

FAGULHA



EDIÇÃO N°12

@FAGULHA_JORNAL

29 AGOSTO 2025

PARA QUE SERVE A FILOSOFIA?

A fagulha que me fez embrenhar pela filosofia é aquela que hoje me permite considerar as implicações práticas dos nossos movimentos de pensamento, que têm a ver com a transformação do mundo para além de sua mera interpretação. Uma fagulha que me liga à “prática como critério da verdade”. Gosto da ideia do movimento para qualificar o nosso fazer filosófico que é de inquietação e reflexão contínua. É essa inquietação que me põe em marcha para perceber aspectos do mundo, da realidade, que vão além do que parece normal, óbvio e definitivo. Essa tomada de perspectiva é sempre situada e, por isso, política. Assim, as implicações práticas da reflexão filosófica são também políticas. Isso significa dizer que a filosofia é potencialmente

"PROPOR NOVOS MODOS DE
NOS RELACIONARMOS COM
A VIDA"



transformadora do mundo e trans-formativa das pessoas nela engajadas. Tomo como exemplo a minha inquietação, angústia quase, lá do início de minha jornada: o incômodo com a exploração do meio ambiente e dos seres vivos e nossa iminente catástrofe climática. O engajamento com o pensamento filosófico me possibilita compreender os mecanismos sociopolíticos e econômicos que regem a lógica capitalista de exploração, mas também a propor novos modos de nos relacionarmos com a vida, com a natureza, e com outros seres de animalidade e de vida. Modos ecofeministas que me ligam a práticas agroflorestais. Inquietação, movimento, prática, transformação. Esta é também uma fagulha de esperança no contexto de nossas impressões de fim de mundo. Autora: Janyne Sattler.

FAGULHA



EDIÇÃO N°12

@FAGULHA_JORNAL

29 AGOSTO 2025

OLHAR POPULAR

O planeta Terra é um condomínio cuja comunidade de moradores inclui não apenas a espécie humana, mas os demais seres vivos - desde bactérias até animais não-humanos. Longe de ser modelo de harmonia ou justiça, esse condomínio vive em constante desequilíbrio, fruto da percepção arrogante que o humano cultiva sobre si mesmo e que se materializa em ações de dominação e violência contra os outros moradores. Trata-se da frágil e autoproclamada superioridade humana que serve de pretexto para subjugar outros seres vivos - reduzindo-os a meros objetos - em prol de seus interesses e "necessidades", frequentemente egoístas e questionáveis. A esse comportamento dá-se o nome de especismo: a discriminação de uma ou mais espécies em favor de outra. O filósofo Peter Singer adverte que a tirania humana perante os animais não-humanos já provocou, e segue provocando, dor e sofrimento



comparáveis aos piores regimes de escravidão e genocídio. O consumo de animais não-humanos, transformados em referentes ausentes, constitui apenas uma das expressões do éthos de violência, que também se manifesta em práticas de confinamento, testes laboratoriais, entretenimento, alterações genéticas. Ignorar ou não combater essa realidade equivale a compactuar com uma dinâmica de extermínio. O reconhecimento de que somos uma parte desse condomínio chamado Terra, e não a parte superior, é o primeiro passo para um novo éthos - ecologicamente responsável e sustentável. Autores: Flávia Abuda, Helô Tomal, Marcos Zmijewski, Maria Lopes, Viviane Girardi.

FAGULHA



EDIÇÃO N°12

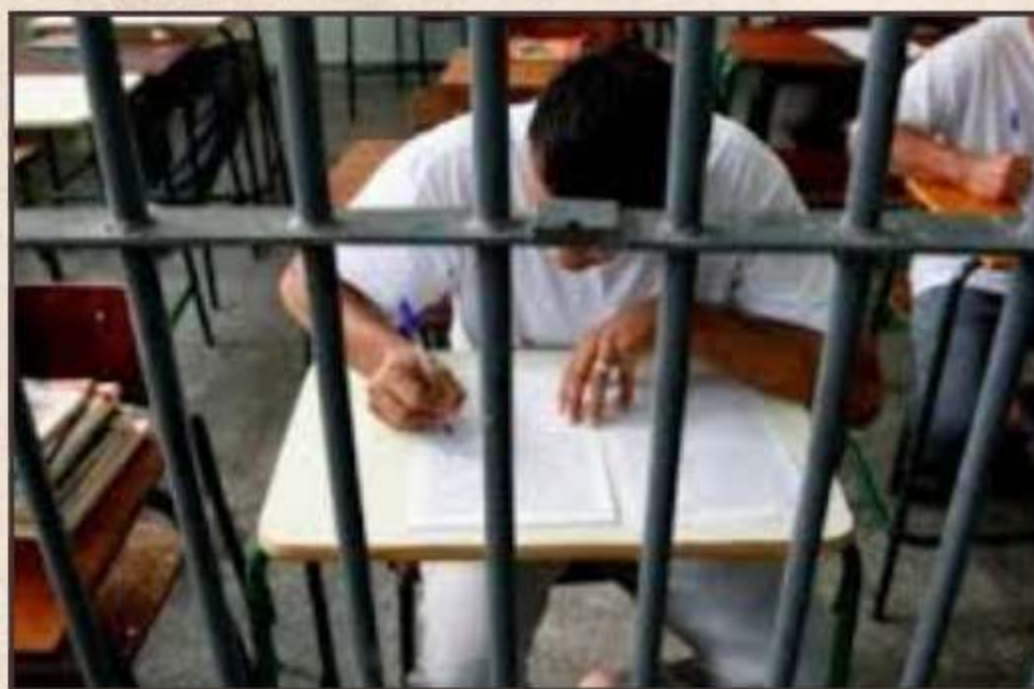
@FAGULHA_JORNAL

29 AGOSTO 2025

POLÍTICA EM DEBATE

Há tempos formulamos perguntas que consideramos valiosas para dar sentido às nossas práticas, avaliá-las, analisá-las e repensá-las. Que sentido atribuímos à educação nos sistemas de privação de liberdade? Como nomeamos esse percurso? Que sentido constroem nossos estudantes em torno da filosofia? É possível construir outros sentidos dentro do sistema penitenciário? Que papel cumprem os centros universitários na vida de uma pessoa privada de liberdade? O ingresso no Centro Universitário de Ezeiza, em Buenos Aires, Argentina, implica uma apropriação espacial e simbólica do lugar, possibilitada pela construção de vínculos e pela elaboração de estratégias coletivas. Nos espaços acadêmicos que se criam na prisão, outras coisas acontecem: o conhecimento e a informação circulam da forma mais democrática possível. Sustenta-se um olhar que

ireconhece o outro como estudante, validando sua palavra e seu pensamento - sem desconhecer seu contexto, mas sem reduzi-lo a ele. Os centros universitários constituem espaços valiosos. Neles, o exercício filosófico se desfaz de solenidades e retorna às suas raízes: a conversa, a pergunta compartilhada, a busca comum. Compartilhar um tempo e um lugar, ler juntos, tecer sentidos com outros. A filosofia deixa de ser apenas palavra escrita: torna-se experiência. No cárcere, transforma-se em uma prática viva, profundamente coletiva. Autora: Sabrina Kassmann, Buenos Aires, Argentina.



FAGULHA



EDIÇÃO N°12

@FAGULHA_JORNAL

29 AGOSTO 2025

VOCÊ CONHECE?

Frantz Fanon (1925-1961) não teoriza à distância; ele grita. Sua palavra é afiada porque foi forjada na própria bigorna da alienação. O homem negro, diz-nos ele, não foi simplesmente oprimido: foi ontologizado. “O negro não é um homem, é um negro.” E essa tautologia de aparência inocente revela a monstruosidade fundacional do humanismo europeu: construir sua universalidade excluindo aquele que não cabe em seu espelho. O negro não é pele nem sujeito; é signo. Mais ainda, é prótese de uma história alheia. O olhar branco não observa; fabrica. E, nessa fabricação, a carne se converte em máscara e a vida, em representação sem voz. Essa violência não é apenas material; é também simbólica, epistêmica e estético-econômica. Fanon nos adverte que a pele se torna prisão, mas também campo de batalha. Ele recusa o convite para o banquete do senhor. Não quer uma cadeira à mesa



dos que definiram o mundo; quer abolir a mesa, incendiar a casa e dançar entre suas cinzas. Sua crítica, tão feroz quanto necessária, recusa-se a disfarçar a opressão com a linguagem amável do progressismo performativo. Fanon não quer inclusão; quer transfiguração. Seu chamado é radical: descolonizar não é acrescentar cores à fachada; é dinamitar o edifício inteiro. Por isso, sua famosa frase permanece sempre atual diante de um mundo cheio de falsas promessas e performances: “Ó meu corpo, faz de mim sempre um homem que interogue!”. Autor: Raúl Reyes Chalas, privado de liberdade (San Juan, Porto Rico).

FAGULHA



EDIÇÃO N°12

@FAGULHA_JORNAL

29 AGOSTO 2025

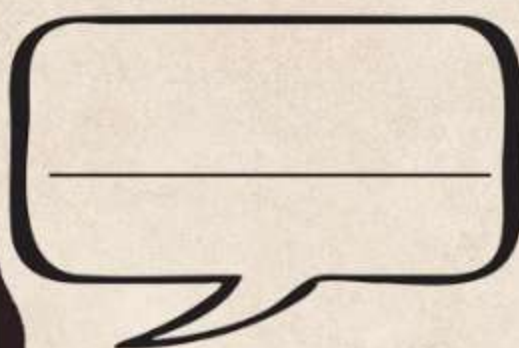
LABIRINTO

O filósofo René Descartes escreveu, em seu livro "Meditações Metafísicas", uma frase importante para a filosofia moderna:
cogito, ergo sum.

Você sabe o que ela significa?

A frase, que está em latim, refere-se a uma das provas mais importantes de nossa existência.

Pesquise, pegue seu lápis e traduza o que Descartes disse.



AUTOR: CAIQUE AUGUSTO.

FAGULHA



EDIÇÃO N°12

@FAGULHA_JORNAL

29 AGOSTO 2025

ARRUAÇA

A crise de refugiados revela a continuidade de um drama milenar: o deslocamento forçado em busca de sobrevivência. Sírios, palestinos e venezuelanos compõem, hoje, algumas faces dessa diáspora, marcada não apenas pela precariedade e pelo medo, mas também pelo fechamento de fronteiras onde se erguem muros físicos e simbólicos para conter os que chegam. A música Diáspora, dos Tribalistas, traduz poeticamente essas dores: corpos em movimento, histórias interrompidas e identidades que se dispersam. No caso latino-americano, a crise venezuelana indica tanto o embate político interno quanto as ameaças e sanções norte-americanas. Uma intervenção ianque, sob o pretexto de combater o “narcoterrorismo”, apenas ampliaria o sofrimento, multiplicando fluxos migratórios e desestabilizando a região. Diante disso, impõe-se aos países da América Latina a necessidade de

fortalecer-se como bloco, articulando respostas que busquem a paz, a defesa hemisférica e a preparação para situações de crise humanitária. A ideia de “diáspora”, historicamente associada a guerras, perseguições e fome, ressurge aqui como chave interpretativa. Segundo dados da ONU, entre 2015 e 2024, o número de deslocados forçados cresceu de forma alarmante, exigindo políticas efetivas de acolhimento. Reconhecer a dor de cada refugiado é também afirmar a possibilidade de um recomeço. Cabe a todos os países que proclamam os direitos humanos decidir se irão repetir a lógica da exclusão ou optar pela solidariedade. Autores: Islene Longo, Jean Tavares, Leonardo Bergamo.



FAGULHA



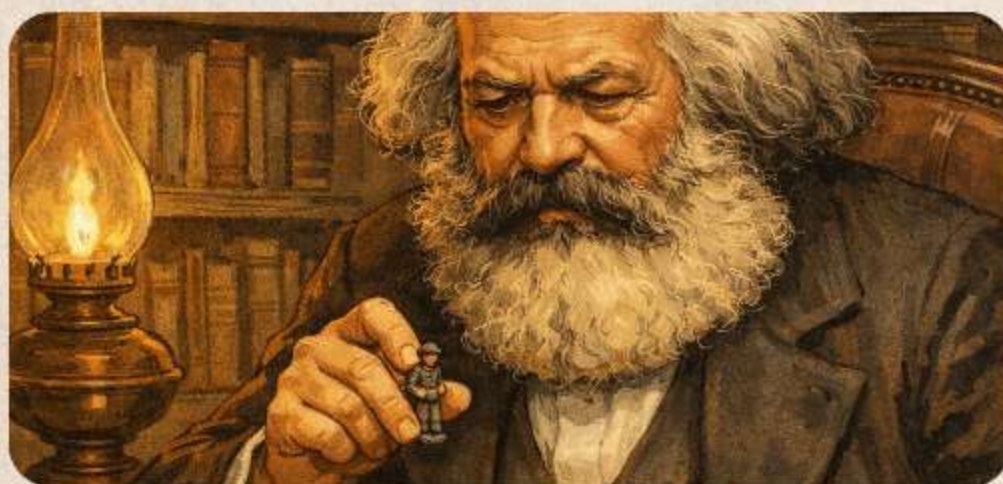
EDIÇÃO N°12

@FAGULHA_JORNAL

29 AGOSTO 2025

FILOSOFINHAS/OS

Você conhece algum jogo de tabuleiro em que alguns jogadores começam com muitas peças e outros com bem poucas? Se a vitória é daqueles que acumulam mais peças, isso não lhe pareceria injusto? Normalmente, quem tem vantagem inicial consegue avançar rapidamente, enquanto quem tem menos precisa se esforçar muito para não ser eliminado logo ou precisa comprar peças dos que possuem mais - compra sempre acompanhada de punições, preços altos, pequenas humilhações ou outras artimanhas. Karl Marx, filósofo e economista do século XIX, percebeu que o mundo real funciona como esse jogo de tabuleiro desigual. Existem grupos diferentes: alguns acumulam muitas peças - terras, fábricas e dinheiro -, enquanto outros têm apenas uma única pecinha chamada “força de trabalho”. Para que os donos das peças escondam a origem de sua riqueza - chamada de “acumulação primitiva” - costumam



dizer a si mesmos e aos demais que são os que mais trabalham, os mais justos e honestos, e que aqueles sem pecinhas precisam trabalhar mais e tomar como exemplo os vencedores. Isso é o que se chama de “monopólio da moral”: não basta possuir todas as peças, é preciso afirmar que se é digno delas. Dessa contradição surge a luta de classes: grupos que vivem lado a lado, mas de forma desigual, entrando em conflito, como em um tabuleiro cujas regras favorecem sempre os mesmos. Marx, no entanto, acreditava que, se as pessoas percebessem essa injustiça, poderiam se unir e destruir esse tabuleiro, criando um espaço onde aqueles com poucas peças não fossem explorados e tivessem poder. Autores: Cris Baniski, Yohana Almeida, Thiago Stadler.

FAGULHA



EDIÇÃO N°12

@FAGULHA_JORNAL

29 AGOSTO 2025

FILOSOFIA ILUSTRADA



AUTOR: ALEXANDRE BECK.



A EQUIPE DO FAGULHA DEIXA UM AGRADECIMENTO A ALEXANDRE BECK, NOSSO ETERNO ARMANDINHO, POR DISPONIBILIZAR UMA TIRINHA ESPECIAL PARA O FAGULHA. É UMA HONRA IMENSA E UMA ALEGRIA QUE COROA A NOSSA 12ª EDIÇÃO!